



# A ABADIA DE THÉLÈME: UTOPIA EM *GARGÂNTUA E PANTAGRUEL* DE FRANÇOIS RABELAIS

**Palavras-Chave: UTOPIA, RENASCIMENTO, FRANÇOIS RABELAIS**

**Autores(as):**

**JÚLIA FERREIRA MAGRI, IFCH – UNICAMP**

**Prof. Dr. CARLOS EDUARDO ORNELAS BERRIEL (orientador), IEL – UNICAMP**

---

## OBJETIVOS

A presente pesquisa foi contemplada pelo Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Unicamp em 2022. O projeto aprovado diz respeito ao estudo da literatura francesa no século XVI, mais especificamente, a obra *Gargântua e Pantagruel* do humanista francês François Rabelais. Neste período, a Europa passou por grandes processos que marcaram suas produções culturais. O Renascimento se alastrou com sua valorização da Antiguidade e tentativa de superação do Medievo, acessando as teorias antigas como uma herança que poderia ser instrumentalizada para os tempos modernos, o que levou a uma recuperação e leitura de antigos pensadores. Este movimento, portanto, se afasta da abordagem tradicionalista e escolástica da Igreja Católica e permite o surgimento do humanismo com a valorização das culturas greco-romanas.

Neste contexto nasce François Rabelais por volta de 1494 em Chinon, na França. O francês iniciou seus estudos pela formação escolástica, na ordem dos franciscanos, tradição que rejeita ao transferir-se para a ordem dos beneditinos que lhe permitiram o estudo do grego. Com esta formação, Rabelais se aproxima do pensamento humanista, principalmente através de Erasmo de Rotterdam, com quem trocava cartas e admirava os escritos. O humanismo cristão de Erasmo é imprescindível para o anseio da recuperação da fé cristã da Antiguidade. Rabelais era, também, médico prático, mas teoricamente se formou somente em 1530.

Inspirado pela publicação anônima de *As Grandes Crônicas do grande e enorme Gigante Gargântua*, Rabelais reescreve a história dos gigantes Gargântua e Pantagruel em cinco volumes. A obra causou reações na França que o acusou de herege e, ainda, foi censurado pela Sorbonne por suas duras críticas aos aspectos políticos e religiosos da época. A presente pesquisa se propôs a analisar os trechos do primeiro livro, que contém a narrativa da Abadia de Thélème, uma abadia presenteada ao Frei João, amigo de Gargântua. A abadia seria uma anti-abadia, com a cláusula

“Faze o que quiseres”, os thelemitas se governam de acordo com seus desejos, sem relógios, sem restrições matrimoniais, sem muros. Mesmo com nenhuma proibição, o bem da comunidade sempre seria buscado, pois o que é proibido é desejado. Os objetivos da pesquisa eram analisar estes trechos como uma utopia, tendo em mente o emprego da sátira por Rabelais e o contexto em que se insere.

## DESCRIÇÃO DA PESQUISA

O primeiro semestre da pesquisa se concentrou na análise do contexto histórico de Rabelais, que se mostra de extrema importância não somente pela sua produção literária satirizante da época, mas também por sua proximidade com os grandes conflitos franceses do século XVI. Rabelais tem acesso aos bastidores de disputas políticas e religiosas através dos irmãos Du Bellay: Guillaume Du Bellay, que tinha altos cargos na França sob o comando de Francisco I, e Jean Du Bellay que assumiu cargos religiosos em Paris e em Roma. A prática médica de Rabelais com os irmãos os rendeu uma forte amizade, ao ponto que Rabelais sempre foi fortemente defendido e auxiliado pelos irmãos durante os anos de censura e perseguição de suas publicações. Neste momento, a França de Francisco I se encontrava em embates territoriais com Carlos V, o imperador do Sacro Império Romano Germânico. As reformas religiosas também foram de grande impacto neste período, colocando em questionamento a Igreja católica como mediadora entre o indivíduo e Deus e causando reação da Igreja com a Contrarreforma.

No segundo semestre da pesquisa, os estudos voltaram-se para a análise da fonte utilizando, como ferramentas de análise, o gênero utópico e sua inauguração com a *Utopia* de Thomas Morus em 1516, e a genealogia do poder de Foucault que explora a intensificação do poder pastoral no século XVI. A obra de Morus iniciou-se como uma proposta de publicação conjunta com o *Elogio da Loucura* de Erasmo de Rotterdam, como uma espécie de *Elogio da Sabedoria*. O atraso na publicação transforma-o na obra que codificou o pensamento utópico na forma literária, e que influenciou profundamente diversos outros pensadores humanistas a moldarem o gênero utópico como o conhecemos atualmente. Por governamentalidade, Foucault entende o conjunto de táticas, estratégias e procedimentos que permitem o exercício de um poder que busca conduzir todas as esferas da vida social, um governo das condutas. Com a genealogia do poder, Foucault traz uma abordagem mais histórica ao assunto, analisando a intensificação do poder pastoral cristão no século XVI, que utilizava de técnicas individualizantes através do exame de consciência e negação total dos desejos. Para Foucault, se há condução, há possibilidade de resistência, uma contraconduta: não diz respeito a uma recusa total da governamentalidade, apenas das técnicas e objetivos empregados por ela.

## RESULTADOS

A partir dos estudos expostos acima, foi possível analisar trechos da narrativa da Abadia de Thélème de acordo com o gênero utópico e o conceito de utopia-esclarecimento, inserindo a anti-abadia de Rabelais como uma forma de contraconduta e desafio ao poder pastoral e monástico. Os trechos analisados específicos serão incluídos e desenvolvidos no relatório final.

---

## BIBLIOGRAFIA

- AUERBACH, E. O Mundo na Boca de Pantagruel. In: Mimesis: a representação da realidade na literatura ocidental. São Paulo: Perspectiva, 1971.
- BAKHTIN, M. A Cultura Popular na Idade Média e no Renascimento: o contexto de François Rabelais. 6 ed. São Paulo: Hucitec; Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- BATISTA, Fábio. Foucault e as utopias das luzes: panóptico e esclarecimento. 2019. 184 f. Tese (Doutorado em Filosofia) – Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Toledo, 2019
- BERRIEL, C. E. O. Utopie, dystopie et histoire. *Morus: Utopia e Renascimento*, v. 3, 2006, p. 95-100.
- BRADATAN, C. On the very notion of utopia. *Morus: Utopia e renascimento*, v. 6, 2009, p. 157-166.
- CANDIOTTO, Cesar. Governo e direção de consciência em Foucault. *Nat. hum.*, São Paulo, v. 10, n. 2, p. 89-113, dez. 2008. Disponível em <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1517-24302008000200004&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1517-24302008000200004&lng=pt&nrm=iso)>
- COLOMBO, A. Formas da utopia: As muitas formas e a tensão única em direção à sociedade de justiça. *Morus: Utopia e Renascimento*, v. 3, 2006, p. 55-67.
- COSTA, M. Uma Analítica do Poder Pastoral – A emergência das disciplinas em Michel Foucault. *Mnemosine*, v. 3, n. 1, 2023.
- DEMONET, M. Utopies et dystopies chez Rabelais, de Pantagruel au Quart Livre. *Morus: Utopia e Renascimento*, v. 8, 2012, p. 105-117.
- FALCON, F. Utopia e modernidade. *Morus: Utopia e Renascimento*, v. 2, 2005, p. 163-184.
- FIRPO, L. Para uma definição da “Utopia”. *Morus: Utopia e Renascimento*, v. 2, 2005, p. 227-237.
- FOUCAULT, Michel. In: *Segurança, Território, População: curso dado no Collège de France (1977-1978)*. São Paulo: Martins Fontes, 2008, p. 253-303.
- FOUCAULT, Michel. “A cultura de si”. In: *História da sexualidade 3: o cuidado de si*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2020, (7a edição), p. 51-92.
- GESUELI, F. Um crisanismo por Michel Foucault: pastorado cristão e vida monástica a partir de uma leitura das práticas de governo. Dissertação (Mestrado em Ciência da Religião) – Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, 2020.

- GREIS, Y. Orbe & Amaurote: notes sur la notion de libre arbitre dans les villes imaginaires de Barthélemy Aneau et de Thomas More. *Morus: Utopia e Renascimento*, v. 8, 2012, p. 53–64.
- HUCHON, M. Rabelais. Paris: Gallimard, 2011.
- LE ROY LADURIE, E. O Estado Monárquico: França, 1460–1610. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.
- LIPAROTTI, R. A Abadia de Thélème: a crítica mascarada pela verossimilhança carnavalizada. Disponível em: <<http://www.cchla.ufrn.br/humanidades/ARTIGOS/GT02/Analise%20do%20episodio%20Abadia%20de%20Theleme.pdf>>.
- MANDROU, R. Introduction à la France moderne (1500–1640). Essai de Psychologie historique. Paris: Éditions Albin Michel, 1974.
- MINERVA, N. De uma definição a outra: sobre alguns prefaciadores franceses de Utopia de Thomas Morus. *Morus: Utopia e renascimento*, v. 1, 2009, p. 55–64.
- MORUS, T. Utopia: sobre a melhor condição de uma república e sobre a nova ilha *Utopia*. Rio de Janeiro: Vozes, 2016.
- QUARTA, C. Utopia: gênese de uma palavra-chave. *Morus: Utopia e Renascimento*, v. 3, 2006, p. 35–53.
- RABELAIS, F. Gargântua e Pantagruel. Belo Horizonte: Villa Rica, 1991.
- RACAULT, J. Da idéia da perfeição como elemento definidor da utopia: as utopias clássicas e a natureza humana. *Morus: Utopia e Renascimento*, v. 6, 2009, p. 29–46.
- RENNER, B. Real versus Ideal: *Utopia* and the Early Modern Satirical Tradition. *Renaissance and Reformation*, v. 41, ed. 3, p. 47–66, 2018.
- RIBEIRO, A. A utopia e a sátira. *Morus: Utopia e renascimento*, v. 6, 2009, p. 139–148.
- ROTTERDAM, E. O Elogio da Loucura. São Paulo: Rideel, 2003.
- RUYER, R. L'Utopie et les utopies. Gérard Monfort: Brionne, 1988.
- SARGENT, L. T. What is a utopia?. *Morus: Utopia e Renascimento*, v. 2, 2005 p. 153–160.
- SIMÕES FERREIRA, M. Rabelais e 'A Abadia de Thélème', gênese da antiutopia na Idade Moderna. *Cultura: Revista de História e Teoria das Ideias*, [s. l.], v. vol. 22, 2006.
- TROUSSON, R. Utopia e utopismo. *Morus: Utopia e Renascimento*, v. 2, 2005, p. 123–135.
- VALVERDE, A. Humanismo, ciência, cotidiano – sob o Renascimento. *Margem: São Paulo*, ed. n. 17, p. 63–71, jun. 2003.
- VALVERDE, A. Utopia e intervenção na ordem política. *Revista Espaço Acadêmico*, [s. l.], ed. n. 186, p. 8–16, novembro 2016.